



# Medievalis

v. 7, n. 2 (2018)

| 1

## Os camponeses na Idade Média: quem eram e qual sua função social de acordo com as chamadas três ordens?

Erisberto Cesário Fontes Filho<sup>1</sup>

**Resumo:** Nas últimas décadas a historiografia pôs o camponês medieval dentro de um rígido enquadramento social. Vivia para o trabalho, e apenas assim sua vida era levada em conta, em um sistema limitado ao senhor feudal. No entanto, essa visão materialista da história necessariamente deixa de considerar muitos aspectos da sua existência, espirituais e temporais, que são fatores cruciais para um mais completo entendimento do presente assunto. Longe de todos os camponeses estarem irredutivelmente ligados a um senhor de terras, parte deles tinha as suas próprias propriedades, chamadas alódios, e outros ainda cresciam socialmente. Todavia, isso não nega que havia a relação “camponês x senhor”, mas não raro era muito mais amistosa do que se pensa. Por fim, põe-se neste estudo, em aspectos gerais, a importância do camponês medieval dentro da estrutura social, a partir das chamadas Três ordens medievais, junto a qual tinha direitos e deveres e sua estabilidade na sociedade era garantida.

**Palavras-chave:** Camponeses; função social; sistema feudal

**Abstract:** In recent decades, historiography has placed the medieval peasant within a rigid social framework. He lived for work, and only in this way was his life taken into account, in a system limited to the feudal lord. However, this materialistic view of history necessarily fails to consider many aspects of its existence, spiritual and temporal, which are crucial factors for a more complete understanding of the present subject. Far from all peasants being irreducibly attached to a landowner, part of them had their own estates, called allod, and others still grew socially. However, this does not deny that there was a "peasant versus lord" relationship, but it was often much more friendly than one thinks. Finally, in general terms, the importance of the medieval peasant within the social structure is placed on this study, starting from the so-called Three Medieval Orders, where he had rights and duties and his stability in society was guaranteed.

**Keywords:** Peasants; social role; feudal system

<sup>1</sup> Graduando em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

<http://lattes.cnpq.br/9869726696600024>

<http://orcid.org/0000-0001-8662-8357>

E-mail: [ef-2011@live.com](mailto:ef-2011@live.com)





## Introdução

Este trabalho tem o propósito de descrever quem foi o camponês medieval: suas principais características, relacionamentos, o modo de viver com os seus senhores – e sua independência dos mesmos – e a maneira como eram vistos. Além disso, como conclusão dessa breve análise, será descrito a sua função social dentro do que se conhece por *três ordens* da sociedade medieval.

| 2

### 1. Os camponeses do medievo:

#### 1.1. Nem sempre iguais

É comum a historiografia atual mencionar o camponês apenas dentro do estrito dualismo “camponês x senhor”, como se o primeiro não tivesse outra forma de viver e sua vida estivesse sempre e unicamente ligada ao segundo, não tendo nenhuma liberdade nem propriedade. De fato, não foi assim.

No entanto, deve-se evidenciar a dificuldade de encontrar fontes documentais que permita um maior aprofundamento nesse assunto. Encontram-se dispersas e outras sofreram a infelicidade de serem perdidas ao longo dos séculos, diante de tantas guerras, como na França, de acordo com HEERS (1955, p. 177), onde “as guerras de religião, saques e incêndios sistemáticos ordenados pela convenção revolucionária” “empobreceram consideravelmente esse patrimônio arquivístico”. As que restaram, evidentemente importantes, são insuficientes para mostrar uma complexa sociedade como foi a que se trata por ora.

Existiam propriedades camponesas, inclusive com hierarquia, umas mais abastardas, outras mais pobres, e que não estavam ligadas aos senhores de feudo. Ainda de acordo com o historiador francês (Ibid., p. 173) citado:

Até as últimas investigações, as dos últimos trinta ou quarenta anos, nosso conhecimento da vida rural derivava desse tipo de estudo [camponês x senhor]. No entanto, esses conjuntos documentais, sem dúvida preciosos, são evidentemente incompletos. O território aldeão não estava formado exclusivamente por explorações senhoriais confiadas a camponeses arrendatários, exploradores dependentes economicamente de um domínio. Longe disso...





Estas propriedades chamavam-se *alódios*, estavam à margem de uma exploração senhorial e nela praticava-se o comércio livremente. Elas nos permitem chegar à conclusão de que as posses dos senhores feudais estavam longe de ser a totalidade do território a ser cultivado. Ao contrário, havia “grandes espaços nos quais se expandiam os modestos alodios” (Ibid., p. 178). Estes, segundo Régine Pernoud, historiadora francesa, deixaram de existir na Revolução Francesa, quando tudo foi submetido ao Estado.

Nesse mesmo sentido, é ainda possível falar dos diferentes níveis de riqueza entre os próprios camponeses. A sociedade rural era infinitamente diferente entre si. Além das hierarquias sociais, como já dito, havia uma grande diversidade e complexidade entre eles, algo diferente do que geralmente é apresentado: a massa camponesa, igualmente miserável e dependente de um senhor que lhe protege em troca de proteção.

Na visão de Heers, essa é uma petrificação da sociedade rural medieval, por oposição às cidades que se desenvolviam e eram promessas aos que nelas se instalavam, “onde o dinheiro circulava com rapidez e irrigava uma grande quantidade de mercados, e onde se acumulavam fortunas surpreendentes. Em uma palavra: feudalismo contra capitalismo” (Ibid., p. 179). Como exemplo dessa fluidez que defende, lê-se na mesma obra citada (p. 184):

Sem dúvida, alguns puderam reunir mais bens do que possuíam os senhores, seus vizinhos imediatos; pequenos nobres que os revezes na guerra ou os serviços haviam reduzido a um triste estado financeiro, e que inclusive havia perdido muito prestígio social ou, em todo caso, uma parte considerável de sua autoridade.

Tentou-se apresentar um ponto de vista no qual não se generaliza o camponês dentro do quadro “camponês x senhor”, dentro de uma sociedade intensamente complexa que foi a medieval. No entanto, não se pode negar que esse quadro mais estrito nos apresente uma verdade, ainda que incompleta. Sendo assim, será analisado agora a situação dos camponeses que estavam dentro desse contexto.

## 1.2. O camponês ligado à terra do seu senhor

Como é sabido, as invasões bárbaras ao longo da Alta Idade Média deixaram, não poucas vezes, os povos da Europa apavorados. Os nobres, nesse sentido, construíram suas





residências cercadas por muros, do mesmo modo que os monges dos mosteiros o fizeram. Mas e os camponeses, o que fariam diante dessa situação? Colocaram-se em subordinação a um nobre, ligado à sua terra, o que constituiu aquilo que ficou conhecido como feudalismo.

Nos feudos, eles poderiam viver livres, tinham proteção da nobreza em caso de guerras e, em troca, deveriam pagar algumas taxas. Eram como que o dono do solo, durante a colheita não eram perturbados, e, do mesmo modo que não poderiam deixar a terra por eles cultivada, ninguém poderia retirá-la deles: “as restrições impostas à liberdade do servo decorrem todas dessa ligação ao solo” (PERNOUD, 1997, p. 41). Além disso, essa restrição voltava-se igualmente ao senhor, pois, segunda a mesma estudiosa (ibid., p. 41):

o nobre está submetido às mesmas obrigações que o servo, porque ele tampouco pode em caso algum alienar o seu domínio ou separar-se dele de qualquer forma que seja: nas duas extremidades da hierarquia encontramos essa mesma necessidade de estabilidade, de fixação, inerente à alma medieval, que produziu a França e de uma maneira geral a Europa ocidental.

Além de tudo, esses camponeses eram dispensados das obrigações militares, serviço esse majoritariamente dos nobres. Passaram por dificuldades, assim como passaram e passam todos os menos abastados economicamente. Porém, não é isso que define o camponês medieval, visto que, para a sociedade desse período, “não era a riqueza que conferia o escalão social e a dignidade”<sup>2</sup>. A principal busca por igualdade não consistia em todos terem igual condição material na vida terrena, característica essa dos períodos moderno e contemporâneo, mas a igualdade perante a morte, onde deveriam estar reconciliados com Deus, o que significa estar reconciliado com a Igreja Católica (mas isso é outro assunto). Segundo HUIZINGA (2010, p. 83):

A ideia da igualdade foi já tomada pelos Padres da Igreja, de Cícero e Sêneca. São Gregório Magno já ensinara à nascente Idade Média o *Omnes namque homines natura aequales sumus* (todos os homens são

---

<sup>2</sup> COSTA, Ricardo da. *Revoltas camponesas na Idade Média – 1358: a violência da Jacquerie na visão de Jean de Froissart*, disponível em <https://www.ricardocosta.com/artigo/revoltas-camponesas-na-idade-media-1358-violencia-da-jacquerie-na-visao-de-jean-froissart>





iguais por natureza). Esta sentença foi repetida com os mais diversos acentos e matizes, sem reduzir a efetiva desigualdade. Pois, para o homem medieval, o ponto central da ideia estava na igualdade diante da morte, não em uma inquestionável igualdade na vida.

Outra característica inegável foi a proximidade de contato que os camponeses tinham com seus senhores, algo bem significativo desse período. Nos tempos atuais, por exemplo, um trabalhador comum mal sabe quem é o presidente da empresa onde trabalha, se é que o viu alguma vez. Não era assim no período medieval: determinados senhores inclusive supervisionavam a produção e participavam ativamente do que acontecia, das dificuldades e distúrbios, assim como dos bons resultados. Além disso, ele tinha conhecimento da vida do camponês: “nascimentos, casamentos, mortes nas famílias de servos entram em linha de conta para o nobre, como interessando diretamente o domínio” (PERNOUD, *ibid.*, p. 43).

### 1.3. A Par de tudo isso, como o camponês era visto?

Para falar sobre esse assunto, é de extrema importância evidenciar o contexto que está sendo referido. Os ânimos na sociedade medieval passaram a se alterar já no século X, mas é no XIII que se inicia uma crise generalizada, que, ousado dizer, permanece até hoje.

Essa crise se deu em vários aspectos: nos âmbitos social, econômico, político, sanitário, educacional, mas sobretudo religioso, principalmente no campo da teologia<sup>3</sup>. Todas essas turbulências geraram uma *tensão latente*<sup>4</sup> na sociedade, inclusive entre as ordens: clero, nobreza e camponeses.

Estes últimos, pois, passaram a ser, por alguns, depreciados. Um sentido pejorativo tomou conta do significado que ganhou o termo *vilão*, sinônimo de fealdade moral, e *rusticus*, que, de camponês, passou significar ignorante, a massa não provida de cultura. Eram vistos quase como seres irracionais, segundo Ricardo da Costa, um ser intermediário, a meio caminho entre os animais e os homens, segundo Le Goff. Além disso, eram malvistas na literatura, como vemos no exemplo que se segue:

---

<sup>3</sup> Guilherme de Ockham veio a ser um dos grandes contribuintes para o que ficou conhecido como nominalismo: este defende que as coisas não possuem uma essência e são o que são apenas por uma espécie de convenção, que resulta em seu nome.

<sup>4</sup> Barbara Tuchman, historiadora norte-americana, classifica o século XIV como “o terrível século XIV”.





Havia em Montpellier um vilão que costumava apanhar a bosta e acarretá-la com dois burros para adubar a terra. Um dia, depois de os ter carregado, encaminhou-se rapidamente para a aldeia, levando os burros (...) Tanto andou que chegou à rua dos mercadores onde os rapazes batem o pilão. Mas quando sentiu o cheiro das especiarias, nem que lhe dessem cem marcos de prata o fariam dar mais um passo: caiu imediatamente esmorecido como se estivesse morto (...) Ora, um bom homem que ali morava que passava por aquela rua aproximou-se e perguntou aos que estavam à sua volta: “Meus senhores, disse ele, se alguém quiser mandar tratar deste homem eu curá-lo-ei a troco de farelos.” Logo um burguês lhe respondeu: “Cure-o imediatamente, receberá vinte soldos em dinheiro.” E o outro respondeu: “De boa mente.” Então pegou na forquilha que o vilão levava para fazer avançar os burros, levantou uma pazada de bosta e chegou-lha ao nariz. Quando o outro sentiu o cheiro da bosta e deixou de sentir o cheiro das ervas, abriu os olhos, levantou-se e disse que estava completamente bom. (...) Ninguém deve renegar a sua natureza.<sup>5</sup>

Essa época é a do começo da preponderância de poderes da burguesia e dos príncipes; a do desenvolvimento das cidades, da distância entre ricos e pobres, entre outros fatores, como já exposto, que tornaram os séculos XIII e XIV um mar em tempestade. Além disso, outras circunstâncias como as sucessivas guerras, com ênfase na Guerra dos Cem Anos, e doenças como a Peste Negra, agravaram os turbulentos séculos mencionados, característicos de uma crise medieval que inclusive proporcionou a Idade Moderna.

A visão depreciativa aos camponeses nada mais é do que um resultado imediato desse começo do *Outono*<sup>6</sup> medieval. No entanto, esse modo de enxergar o *terceiro estado* não era totalizante. Muitos ainda tinham uma concepção correta sobre eles, e inclusive

---

<sup>5</sup> “O vilão do asno”. In: Fabliaux. *Erótica Medieval Francesa. Poesia erótica e satírica francesa – séculos XIII-XIV*. Lisboa: Editorial Teorema, 1997, p.13-15. Citado em Ricardo da Costa: *Extratos de documentos medievais sobre o campesinato (sécs. V-XV)*, disponível em [https://www.ricardocosta.com/extratos-de-documentos-medievais-sobre-o-campesinato-secs-v-xv#footnote89\\_grak495](https://www.ricardocosta.com/extratos-de-documentos-medievais-sobre-o-campesinato-secs-v-xv#footnote89_grak495).

<sup>6</sup> Aqui faço referência à visão de Johan Huizinga sobre esse período, classificado por ele como um *Outono da Idade Média*.





defendiam-nos de possíveis abusos que poderiam acontecer. Eis um belo exemplo a seguir:

Filhos meus, filhos meus, de mim, Adão, nascidos  
Que sou, depois de Deus, o pai primeiro  
Criado por Ele, todos de mim descenderam  
Segunda natureza, de minha costela e de Eva;  
Ela foi vossa mãe. Como um é vilão  
E o outro toma gentil-homem como título  
Entre vós, irmãos? De onde procede semelhante nobreza?  
Eu não sei, a menos que seja das virtudes,  
E de todo vício que fere, os vilões;  
Todos estais da mesma pele revestidos.<sup>7</sup>

E ainda:

De onde procede toda nobreza soberana?  
De um coração gentil, adornado por nobres costumes.  
Ninguém é vilão a menos que o seja em seu coração.<sup>8</sup>

Mas não é só para ser defendido de seus sofrimentos que o camponês é citado na literatura e em outros meios. Mesmo que tenha sido ridicularizado por alguns, encontra-se igual e evidentemente estimado e colocado em uma posição de naturalidade naquela sociedade. Vê-se isso facilmente ao analisar o *Les très riches heures du duc de Berry*, onde, ao representar os meses e as estações do ano, o camponês toma muitas vezes o destaque da obra que se apresenta. E ainda no *Le Livre des prouffitz champestres et ruraulx*, onde o camponês ganha principal enfoque, sempre por suas atividades rotineiras e importantes para o medievo. Como poderia um grupo tão desprezado ter tanto destaque em uma encomenda, no primeiro caso, que levou quase um século para ficar pronta, destaque esse que não foi negativo?

O medievo, pois, não desprezou por completo o camponês, mesmo que seja claro que sofreram humilhações. Porém, se buscarmos uma época na qual isso por completo não foi feito, nenhuma será encontrada. Costuma dar-se grande ênfase para o desprezo que passaram nesse período, sem mencionar, ou pouco o fazer, o quanto foram prestigiados na arte e na literatura. Do mesmo modo que se tenta encaixar o camponês medieval no estrito quadro “camponês x senhor”, a possibilidade de pensar sobre ele fora do desprezo e da humilhação na Idade Média está quase fora de questão, salvo saudosas exceções.

<sup>7</sup> Trecho de um poema retirado de HUIZINGA, Johan, ob. Cit. p. 83.

<sup>8</sup> Deschamps, VI, nº 1140. Citação retirada de HUIZINGA, Johan, ob. Cit. p. 82.





## 2. A função social do camponês

Por fim, esta segunda parte desta breve análise tratará da função social do camponês no período que constantemente está sendo referido. Para discorrer sobre esse assunto, não é possível, mais uma vez, deixar de lado o contexto medieval. Comumente esta sociedade é apresentada dividida em três ordens, totalmente independentes umas das outras, cada qual com seus afazeres e responsabilidades para com as outras, como se essa descrição bastasse. A verdade, porém, é que essa ideia, para analisar mais profundamente o medieval, é insuficiente de recursos, visto que aquele foi um período muito complexo.

A teoria das três ordens (nobreza, clero e terceiro estado), pois, só pode ser adotada para fazer uma análise geral e sem entrar em especificidades de cada grupo. Apesar de ter sido, segundo alguns autores, uma tentativa de homens da Igreja tentarem ordenar a sociedade, o fato é que, para a medieval, essa classificação não aborda sua estrutura profunda, mas apenas aspectos mais exteriores, como responsabilidades entre as ordens e distribuição de forças. E este era o objetivo de tal intento, fazendo com que o meio social, de modo prático, fosse ordenado.

Os monges, por exemplo, deveriam, pelo trabalho manual e pela oração (*ora et labora*), buscar o próprio sustento material e espiritual: cultivaram a criação de gado e plantaram, e, por isso, foram na Idade Média grandes responsáveis pela melhoria na agricultura em lugares considerados perdidos:

a respeito dos pântanos, predominava a ideia de que não tinham nenhum valor e eram focos de pestilência. Mas os monges assumiram o desafio que representava represá-los e drená-los, e em pouco tempo conseguiram transformar o que até então era uma fonte de doenças e imundície em fértil terra cultivada<sup>9</sup>

Além disso, os próprios camponeses que possuíam seus alódios, por exemplo, poderiam, com o passar do tempo e nas devidas circunstâncias, tornar-se senhores, assim como homens do clero poderiam sair do mesmo terceiro estado e da nobreza. Enfim, a sociedade medieval é complexa e viva, e não pode ser descrita em sua integridade por

---

<sup>9</sup> GOODELL, Henry H., *The influence of the monks in agriculture*. Citado por Woods Jr., Thomas E., em *Como a Igreja católica construiu a civilização ocidental*, editora Quadrante, 2008.





uma espécie de fórmula pronta que diz onde cada homem está e como vive. Como dito, analisar esta sociedade com um enfoque apenas nas chamadas *três ordens* é insuficiente.

Todavia, para analisar a função social do camponês medieval, essa classificação é de grande valia, pois evidencia, de maneira geral, estritamente o trabalho do camponês<sup>10</sup>. Ele, portanto, tinha suas responsabilidades diante das outras duas ordens, assim como recebia direitos: tinha a missão de dedicar-se ao trabalho manual e, assim, produzir o alimento necessário para a subsistência de todos: é a *Igreja da labuta*. Nesse mesmo sentido, o clero tinha por missão especial levar o camponês e a nobreza a Deus, enquanto a nobreza, a de defender todos contra os inimigos e proteger a cristandade. Esta seria, segundo DUBY (1982, p. 13) uma “construção harmoniosa e racional que” parece “corresponder aos desígnios do Criador”<sup>11</sup>, onde cada qual tinha sua função, igualmente importante para o bom andamento da sociedade:

Deus criou o povo para trabalhar, para cultivar o solo, para assegurar por meio do comércio a sustentação permanente da sociedade; criou o clero para que exerça os mistérios da fé, e criou a nobreza para realçar a virtude e administrar a justiça, para ser com os atos e os costumes de suas distintas pessoas o modelo dos demais<sup>12</sup>

Cada ordem “representa uma instituição divina, é um órgão na arquitetura do universo, tão essencial e tão hierarquicamente respeitável como os Tronos e as Dominações celestiais da hierarquia angélica”<sup>13</sup>. Este era o ideal para a perfeita ordenação *prática* da sociedade, ainda que não consiga descrevê-la completamente.

---

<sup>10</sup> A modo de ênfase: não é suficiente para uma análise mais profunda da vida camponesa justamente porque evidencia demasiadamente o seu trabalho: o terceiro estado é aquele que trabalha para manter as outras duas ordens e, assim, contribui para o bom funcionamento da sociedade. No entanto, o homem pode ser definido apenas pelo trabalho? Acaso muitas outras características de sua vida, junto ao necessário trabalho que exerce, não o definem muito melhor?

<sup>11</sup> Duby, Georges de. *As três ordens ou o imaginário do feudalismo*. Editorial Estampa, 1982.

<sup>12</sup> HUIZINGA, ob. Cit., p. 77.

<sup>13</sup> Ibid.





### 3. Conclusão

Este escrito teve como objetivo analisar o homem camponês medieval, suas relações sociais, como era visto e tratado na arte e na literatura e sua importância como agente contribuinte para o funcionamento prático dessa sociedade em que vive. Buscou-se, em alguns momentos, mostrar uma outra possibilidade de análise do camponês, na qual ele não está em um quadro restrito, onde tinha suas liberdades cerceadas, e em um meio social onde era sempre desprezado. Essas narrativas levam a pensar, quando se fala no campesinato medieval, em uma realidade que não necessariamente foi sempre verdade em todos os lugares. Descrever de modo mais amplo quem realmente foi o camponês e libertá-lo da narrativa onde aparece sempre trabalhando, como se isso resumisse inteiramente sua vida, torna-se, pois, de grande importância para a historiografia contemporânea.

#### Referências

COSTA, Ricardo da. *Revoltas camponesas na Idade Média – 1358: a violência da Jacquerie na visão de Jean de Froissart*, disponível em <https://www.ricardocosta.com/artigo/revoltas-camponesas-na-idade-media-1358-violencia-da-jacquerie-na-visao-de-jean-froissart>

DUBY, Georges de. *As três ordens ou o imaginário do feudalismo*. Editorial Estampa, 1982, 383p.

GOODELL, Henry H., *The influence of the monks in agriculture*. Citado por Woods Jr., Thomas E., em *Como a Igreja católica construiu a civilização ocidental*, editora Quadrante, 2008.

HEERS, Jacques. *La invención de la edad media*. Barcelona: Ed. Crítica, 1995, 295p.

HUIZINGA, Johan. *El Otoño de la Edad Media*. Madrid: Alianza, 2010, 432p.

“O vilão do asno”. In: Fabliaux. *Erótica Medieval Francesa. Poesia erótica e satírica francesa – séculos XIII-XIV*. Lisboa: Editorial Teorema, 1997, p.13-15. Citado em Ricardo da Costa: *Extratos de documentos medievais sobre o campesinato (sécs. V-XV)*,





disponível em [https://www.ricardocosta.com/extratos-de-documentos-medievais-sobre-o-campesinato-secs-v-xv#footnote89\\_grak495](https://www.ricardocosta.com/extratos-de-documentos-medievais-sobre-o-campesinato-secs-v-xv#footnote89_grak495).

PERNOUD, Régine. *Luz sobre a Idade Média*. Portugal: Publicações Europa-América, 1997, 208p.

